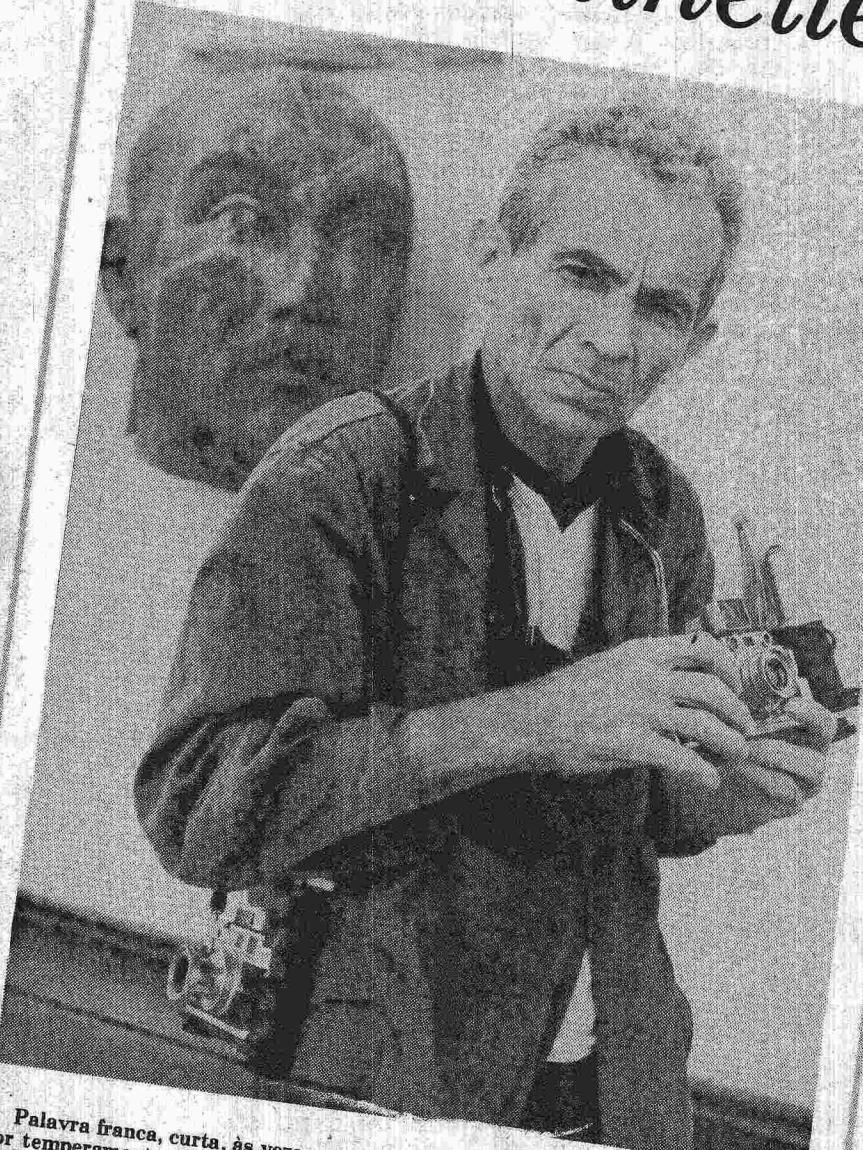


## O testemunho de Fontinelle



Palavra franca, curta, às vezes, mas por temperamento. E longa, como não poderia deixar de ser, na hora em que foram tiradas as fotos das primeiras convulsões embrionárias que hoje são a Capital da República. Piauiense, casado, 60 anos, profissão: "Fotógrafo por capricho do destino", aposentado pelo GDF. Nome: "Mário Moreira Fontinelle, mas não me chame de pioneiro", embora tenha chegado em Brasília em 1957.

De cima de um Cessna da Novacap, entre 1957 e 58, foi que Fontinelle, como funcionário do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, tirou as fotos desta página. Como era a visão do cerrado, olhado de cima? "Triste, retorcido, sem vida".

"A foto dos eixos em cruzamento foi tirada em 1957, se não me engano, entre agosto e setembro e quem pilotava o avião era o comandante Montes". No verso da foto se lê: "Os eixos de Brasília. É uma cidade que surge com as suas alegrias e tristezas", escrito a mão e autografado por Oscar Niemeyer. Partindo do ponto onde hoje é o Lago Paranoá, Fontinelle avista também um pequeno triângulo incrustado no cerrado: "Era o vermelho da terraplenagem para edificar a Praça dos Três Poderes", explica. No verso desta foto, também acham-se inscrições históricas de outro personagem que, ao lado de Niemeyer, concebeu Brasília, Lúcio Costa: "A Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios três anos antes de inaugurada. Obrigado Fontinelle".

O fotógrafo conta que de cima do avião diversas vezes visualizava animais. "Em rasante, corriam muitas vezes atrás de veados e outros bichos do cerrado".

Com muita arte, Fontinelle fotografou a Ermida de D. Bosco, onde os

galhos retorcidos de uma árvore, caprichosamente, formam o "JK", do fundador da Capital. Escrito a mão, também no verso da foto, Juscelino deixa grafado: "A ermida de D. Bosco. A primeira construção definitiva de Brasília". E o seu autógrafo numa outra frase: "Contemplando a capela de D. Bosco, erguida em honra do profeta que anteviu a glória do Planalto, bendigo o privilégio que Deus me concedeu de ser o executor do sonho de um Santo".

Com outro "clic" — documento, Fontinelle mostra o morro do movimento de terra para o cruzamento com três níveis do serviço de terraplenagem da Esplanada e da Praça dos Três Poderes. Ele conta que foi sua a ideia de fotografar o morro com os realizadores de Brasília.

Descreve que ali era o marco zero da construção da Capital e, por isso, sugere que o GDF faça registrar, em bronze, na Estação Rodoviária, onde havia o morro, as coordenadas geográficas do local.

"Chamei o Dr. Juscelino, o Dr. Israel Pinheiro, Dr. Vasco, o coronel Tomaz, Dr. Moacir Gama de Souza e os outros que não me lembro o nome, para tirar uma foto no morro. No dia, pela manhã, estava chovendo, mas pela tarde abriu o tempo e eles atenderam a minha sugestão. Alguns não subiram, porque o morro ameaçava rachar".

O fotógrafo — por capricho do destino, como define — responde que as suas fotografias pertencem ao povo que vive nesta terra. "Já que me disseram que elas não têm preço, pelo seu grande valor documentário, irei doá-las ao GDF, para que sirva 'aqueles que mais tarde vão precisar delas para ilustrar a história de Brasília'".

Acima, o morro onde se iniciou a terraplenagem para construção da Rodoviária em três níveis.

Em seguida a Ermida Dom Bosco. No verso da foto Juscelino escreveu: "Contemplando a capela Dom Bosco, erguida em honra ao profeta que anteviu a glória do Planalto, bendigo o privilégio que Deus me concedeu de ser o executor do sonho de um santo".

Ao lado a picada que resultou nos Eixos.